

A construção da escuta-*flânerie* e a pesquisa psicanalítica no campo social

The construction of flânerie-listening and psychoanalytic research in the social field

Por Rose Gurski* e Miriam Debieux Rosa**

Fecha de Recepción: 23 de enero de 2024.

Fecha de Aceptación: 02 de abril de 2024.

RESUMO

Neste artigo, apresentamos a construção da escuta-*flânerie*, um dispositivo metodológico de pesquisa psicanalítica experimentado no campo do Sistema Socioeducativo brasileiro. Trata-se de um dispositivo clínico de escuta dos sujeitos que foi construído a partir das ações de pesquisa e extensão desenvolvidas em uma instituição socioeducativa. A partir da ética da psicanálise, em conjugação com a posição do *flâneur*, produziu-se um modo da escuta fazer-se presente também em outros espaços que não o consultório do analista. As origens deste dispositivo remontam à metodologia iniciada por Gurski (2008) em sua tese de doutorado, na qual recolheu a noção de *flânerie* como posição do pesquisador psicanalista no campo social. Para a construção desta pesquisa-intervenção, utilizamos as noções de psicanálise implicada e a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016). Temos ainda

como uma de nossas principais premissas no campo, evocar do lado do pesquisador-psicanalista, a noção de atenção flutuante, proposta por Freud (2010a/1912) como método per si da escuta do inconsciente; do lado de quem é escutado, buscamos provocar a fala mais próxima possível da associação-livre, sempre perpassados pela ética psicanalítica do bem-dizer (Lacan, 2003/1974). Entendemos que propor a escuta de adolescentes em conflito com a lei e daqueles que se dedicam a eles no dia a dia das instituições socioeducativas é, como postulava Freud (2010a/1912), uma intervenção e, simultaneamente, uma investigação. Com a escuta-*flânerie*, aproximamos a Psicanálise da filosofia de Walter Benjamin, pois entendemos que a fala compartilhada pode possibilitar a criação de um espaço de narração de si e de ampliação da dimensão da experiência na vida de sujeitos em situação de sofrimento sociopolítico. Entendemos que, através da fala, os

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Correio eletrônico: rosegurski@ufrgs.br

** Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorada pela Université Paris Diderot-Paris 7. Correio eletrônico: debieux@terra.com.br

sentidos podem deslizar, sendo possível criar outros destinos para o real e para o pulsional. Por fim, trazemos o *diário de experiência*, um dispositivo de registro da pesquisa, construído em meio aos trabalhos do NUPPEC/CNPq que nos auxilia a transitar pela aridez de algumas situações vividas na(s) instituição durante a escuta-flânerie dos sujeitos.

Palavras-chave: *Psicanálise, Política Socio-educativa, Escuta Flânerie, Walter Benjamin.*

ABSTRACT

In this article, we present the construction of flânerie listening, a methodological device for psychoanalytic research experimented in the field of the Brazilian Socio-Educational System. It is a clinical device for listening to subjects that was built from research and extension actions developed in a socio-educational institution. From the ethics of psychoanalysis, in conjunction with the position of the flâneur, a way of listening was also present in spaces other than the analyst's office. The origins of this device go back to the methodology initiated by Gurski (2008) in his doctoral thesis, in which he collected the notion of flânerie as a position of the psychoanalyst researcher in the social field. To construct this intervention research, we used the notions of implied psychoanalysis and the sociopolitical dimension of suffering (Rosa, 2016). We also have as one of our main premises in the field, to evoke, on the psychoanalyst-researcher's side, the notion of floating attention, proposed by Freud (2010a/1912) as a method per se of listening to the unconscious; on the side of those being listened to, we seek to provoke speech that is as close as possible to free association, always permeated by the psychoanalytic ethics of saying well (Lacan, 2003/1974). We understand that proposing to listen to teenagers in conflict with the law and those who work with them on a daily basis in socio-educational institutions is, as Freud (2010a/1912) postulated, an intervention and, simultaneously, an in-

vestigation. With flânerie-listening, we bring Psychoanalysis closer to Walter Benjamin's philosophy, as we understand that shared speech can enable the creation of a space for self-narration and expansion of the dimension of experience in the lives of subjects in situations of sociopolitical suffering. We understand that, through speech, the senses can slide, making it possible to create other destinations for the real and the instinctual. Finally, we bring the experience diary, a research recording device, built in the midst of the work of NUPPEC/CNPq that helps us navigate the aridity of some situations experienced in the institution(s) during the listening-flânerie of the subjects.

Keywords: *Psychoanalysis, Socio-educational Policy, Flânerie-listening, Walter Benjamin.*

O dispositivo da escuta-flânerie como contribuição metodológica à pesquisa psicanalítica no campo social

As variáveis que se estabelecem a partir dos regimes econômicos e políticos da atualidade levam a determinadas posições discursivas que capturam os sujeitos e seus discursos. Neste âmbito, estão os que vivem em situação de vulnerabilidade social, os refugiados de guerra, os estrangeiros, os imigrantes e, também, os jovens em conflito com a lei que atravessam o sistema socioeducativo

(Gurski e Rosa, 2018: 13).

Este escrito tem como objetivo apresentar contribuições metodológicas às pesquisas psicanalíticas que acontecem no campo da Socioeducação. A Socioeducação configura-se como uma política pública brasileira dirigida aos adolescentes autores dos denominados atos infracionais. Tal política é resultante das ações e discussões entre o Estado e a sociedade civil que ocorreram após a chegada da Constituição de 1988 e do ECA - Estatuto da Criança e

do Adolescente, em 1990 – marcos legais que inauguram uma nova etapa nas políticas públicas de assistência à infância e à juventude¹.

Partimos da escuta psicanalítica em articulação com os efeitos ético-metodológicos dos escritos de Walter Benjamin acerca do tema da experiência e do *flâneur* em Baudelaire (Benjamin, 1933/2012, 1936/2012, 1937/1989, 2015).

A experiência concreta realizada com jovens em contextos de vulnerabilidade e violência, que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade², tem levado as pes-

quisas conduzidas no âmbito do NUPPEC³

direitos. Em relação a sua natureza, a medida é um tipo de sanção imposta compulsoriamente ao jovem a fim de responsabilizá-lo judicialmente por uma conduta considerada infracional. Em relação ao conteúdo, a medida socioeducativa tem cunho pedagógico, haja vista que sua execução está condicionada à garantia de direitos e ao desenvolvimento de ações educativas que visem à formação da cidadania. As medidas socioeducativas surgiram a partir do ECA com o intuito de romper com as práticas tutelares, higienistas e repressoras, portanto, elas apresentam uma outra resposta do Estado que não a privação de liberdade de adolescentes que praticam os chamados atos infracionais. Foi a partir do Art. 112 do ECA (Lei n. 8.069, 1990) que as medidas socioeducativas foram estabelecidas e definidas em medidas de meio aberto - advertência; reparação de dano; prestação de serviços à comunidade; liberdade assistida - e medidas de privação e restrição de liberdade o que configura a inserção dos adolescentes em regime de semiliberdade e de internação em estabelecimento educacional (Strzykalski *et al.*, 2022).

1 Os fundamentos do novo paradigma, lançados na década de 1980, através do Sistema da Garantia de Direitos às Crianças (SGD), trouxeram a concepção de proteção integral, o que estabeleceu importantes modificações de metodologia e de gestão das entidades ligadas aos cuidados com a infância e adolescência no país. Tal sistema potencializou a promoção e a proteção dos direitos de crianças e jovens nas políticas de educação, saúde, cultura e, de forma especial, nas políticas sociais. Ou seja, a partir da implantação do ECA foram instituídas mudanças cujo eixo parte da Doutrina de Garantia de Direitos e não mais do paradigma da Doutrina de Situação Irregular, que definia crianças e adolescentes em situação de risco social como potenciais autores de ato infracional e na qual prevalecia a ideia de punição. Com o processo que envolve a execução da medida socioeducativa, além da sanção, se coloca a necessidade de ressocialização dos jovens (Gurski, 2012).

2 As medidas socioeducativas de privação de liberdade configuram a internação de jovens entre 12 e 18 anos em uma Instituição Socioeducativa. Para uma melhor compreensão deste dispositivo construído pela política de Socioeducação seguem alguns esclarecimentos. As medidas socioeducativas, conforme dito acima, têm por finalidade coadunar responsabilização do sujeito com o ato cometido e satisfação de

3 O NUPPEC – Eixo Psicanálise, Educação, Intervenções sociopolíticas e Teoria Crítica é uma ação conjunta que articula pesquisas ligadas ao PPG Psicanálise: Clínica e Cultura UFRGS e ao PPG Psicologia Clínica USP. Nossas investigações e extensões buscam modos da escuta psicanalítica estar presente no campo social através de ações junto a adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social. Além da psicanálise, nos orientamos pela teoria crítica, especialmente, os estudos de Walter Benjamin, a fim de pensar as intervenções no campo social. Participam do Núcleo, docentes de diferentes IES do Brasil, pesquisadores associados, mestrandos e bolsistas de graduação.

e do PSOPOL⁴ a ocupar-se da construção de dispositivos metodológicos que, a partir de conceitos fundamentais da psicanálise, nos orientam nas pesquisas e intervenções, ajudando-nos a ampliar o potencial transformador da escuta e da ética psicanalítica no campo social.

A formalização inicial do encontro entre a escuta, em articulação com os efeitos da leitura do *flâneur* de Baudelaire e do tema da experiência em Walter Benjamin foi realizada por Gurski⁵, em 2008, na sua tese de doutorado, momento em que a pesquisadora cunhou o termo *ensaio-flânerie*, uma metodologia de pesquisa inédita que buscou traçar um caminho de estudo nos interstícios do campo da psicanálise e da educação, através do diálogo da escuta psicanalítica com o tema da experiência e do *flâneur* em Walter Benjamin (Gurski, 2008; Perrone & Gurski, 2020a).

Desde essa época, temos realizado esforços a fim de articular a psicanálise com o pensamento de Walter Benjamin fazendo decantar deste encontro efeitos para a construção de dispositivos de escuta psicanalítica no cam-

po social. Desde a tese, tal enlace foi evocado através do *ensaio-flânerie*, dispositivo cunhado a partir da articulação entre três elementos: "da *flânerie* como um modo de olhar do pesquisador, do *ensaio* como a 'janela da escrita' e do tema da experiência como uma tentativa de produzir polisssemia e criação ao invés de repetição e fechamento de sentidos" (Gurski, 2008: 25). O *ensaio-flânerie* foi, portanto, a primeira ferramenta metodológica originada desde a concepção da *flânerie* como posição do pesquisador psicanalista no campo social.

É preciso dizer que a inspiração no *flâneur* e na *flânerie* surgiu da interessante posição de Walter Benjamin, filósofo e crítico cultural, ligado à Escola de Frankfurt, que, ao narrar as problematizações de sua época, levou-nos a sublinhar a dimensão do método presente em seus escritos. Sua obsessão pelos pequenos fenômenos, pelas representações contidas nos detalhes lhe lançava a possibilidade de fazer a experiência do encontro entre palavra e coisa, entre ideia e experiência (Gurski, 2019b; Gurski, 2019a).

O *flâneur*, na escrita de Baudelaire e de Benjamin, aparecia como uma figura destoante em relação ao ritmo efervescente da Paris do século XIX, era uma espécie de catador de restos que conseguia perceber lugares, pessoas e cenas que só se desvelavam devido ao seu ritmo arrastado e leve. O olhar diferenciado do *flâneur*, atravessado pelas lentes de um tempo distendido, lhe permitia captar o que há de mais extraordinário no mínimo detalhe, nas banalidades da vida cotidiana. É como se o *flâneur* conseguisse ver potência nos restos, marcando um contraponto ao olhar da multidão que nada vê, senão lixo, coisas sem importância e sem utilidade segundo uma lógica capitalista-produtiva (Gurski & Strykowski, 2018a).

O pesquisador em psicanálise, ao ser tomado pelo espírito do *flâneur* e recolher os significantes-restos, opera uma ruptura no modo como o resto vinha sendo tomado até

4 O PSOPOL - Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política - é ligado ao PPG de Psicologia Clínica da USP. Pesquisa sobre a dimensão sócio-política do sofrimento nos contextos de vulnerabilidade social, as modalidades de resistência e a construção/transformação do laço social. Congrega o Grupo Veredas: psicanálise e imigração e grupos de trabalho sobre relações raciais e de gênero, intervenções clínico-políticas e estudos sobre a obra de J. Lacan.

5 A tese de doutorado, defendida em 2008, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, intitulada *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual foi*, em 2012, foi publicada como livro com o título *Três ensaios sobre juventude e violência* (Editora Escuta).

então: algo sem importância, pois nada dizia do sujeito que o nomeava. Neste ponto, o encontro que propomos entre a ética psicanalítica e o *flâneur* está em sintonia com a noção de que nossos achados são serendípicos (Caon, 1997). Compreendemos o desejo do pesquisador na mesma via da noção do desejo de analista (Lacan, 1964/1985), isto é, de uma posição que parte unicamente do desejo de que o outro possa desejar.

Relacionando a posição do *flâneur* com a do psicanalista, encontramos também a proximidade com a figura do catador de restos que, a partir do que seria descartado ou negado, oferece, em seu movimento “a contrapelo” do ritmo acelerado, um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe – de onde podem vir a se produzir novas formulações acerca das mesmas coisas (Gurski, 2019b). No caso da socioeducação, a abertura de espaços de fala, no dia a dia dos meninos e dos trabalhadores, tem gerado breves respiros no ritmo frenético do cotidiano institucional, condição que nos parece ajudar na possibilidade de simbolização tanto dos jovens, como dos trabalhadores:

O aprofundamento dos estudos acerca da *flânerie* reordenou a afinidade da proposta benjaminiana com a obra de Freud. Isso porque ambos, em seus trabalhos, valorizaram o resto, o traço, o detalhe insignificante, a matéria para as construções teóricas (Perrone & Gurski, 2020a). Podemos dizer que, tanto Benjamin como Freud estabeleceram novos procedimentos metodológicos no modo de olhar para o sujeito e para o laço social. Os dois, de alguma forma, incluíram o fragmento, o resto e o traço como elementos fundamentais das marcas do sujeito moderno. Em comum, ainda carregam o fato de terem evocado continuamente o desvio enquanto método de análise de seus trabalhos.

Pois bem, tal encontro da Psicanálise, com o *flâneur* de Baudelaire, recolhido por Benjamin, seguiu produzindo desdobramentos e, a partir de 2014, depois de alguns anos de tra-

balho com adolescência em situação de violência e vulnerabilidade, passamos a realizar nossas investigações no campo da Socioeducação, através de uma parceria com a FASE (Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul)⁶.

Tal direcionamento, se deu porque vimos, ao longo dos anos, o tema da juventude em conflito com a lei tornar-se um imperativo em nossos estudos, sobretudo, pelo aumento do número de jovens envolvidos em situações de violência, tanto na posição de protagonistas, como no lugar de vítimas. Segundo dados do Mapa da Violência de 2014 (Waiselfisz, 2014), as estatísticas de homicídios da população jovem no Estado do Rio Grande do Sul cresceram quase 20% no período que vai de 2002 a 2012, o que indica um crescimento acima da média nacional – que é de 2,7% (Gurski & Rosa, 2018).

Trata-se, portanto, neste escrito, de narrar os efeitos da construção de um dispositivo de pesquisa-intervenção que, a partir da ética da psicanálise, em conjugação com a posição do *flâneur*, produziu um modo da escuta psicanalítica fazer-se presente no cotidiano da instituição socioeducativa (Gurski, 2019a; 2019b; Pires & Gurski, 2020).

A flânerie e as Rodas de R.A.P: duas posições possíveis ao pesquisador-psicanalista no campo social

É preciso dizer que a inspiração na *flânerie* surgiu da interessante posição de Walter Benjamin, filósofo e crítico da cultura, ligado à Escola de Frankfurt, que, ao narrar as problematizações de sua época, levou-nos a sublinhar a dimensão do método presente em seus escri-

6 Instituição gaúcha responsável pela execução das medidas socioeducativas de restrição e privação de liberdade aplicadas junto aos jovens chamados em conflito com a lei, conforme explicado nas notas de rodapé mais acima.

tos. Sua obsessão pelos pequenos fenômenos, pelas representações contidas nos detalhes lhe lançava a possibilidade de fazer a experiência do encontro entre palavra e coisa, entre ideia e experiência (Gurski, 2019b; Gurski, 2019a).

É nesse sentido que aproximamos a Psicanálise da filosofia de Benjamin. Entendemos que a fala compartilhada pode possibilitar a criação de um espaço de simbolização para os sujeitos. Através da fala, os sentidos podem deslizar, sendo possível criar outros destinos para o real e o pulsional. Ao narrar os acontecimentos e vivências de sua história, o sujeito amplia as condições de construção de novas significações. É justamente nesta movimentação narrativa que as vivências podem ganhar a possibilidade de decantarem em experiências (Gurski, 2019b; Gurski, 2019a).

Relacionando a posição do *flâneur* com a do psicanalista, encontramos também a proximidade com a figura do catador de restos que, a partir do que seria descartado ou negado, oferece, em seu movimento "a contrapelo" do ritmo acelerado, um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe – de onde podem vir a se produzir novas formulações acerca das mesmas coisas (Gurski, 2019b).

Nesse cenário, propor a escuta de adolescentes em conflito com a lei e daqueles que se dedicam a eles no dia a dia das instituições socioeducativas, os chamados agentes socioeducativos é, como postulava Freud (2010a/1912), uma intervenção e, simultaneamente, uma investigação. Neste sentido, acreditamos que o método da Psicanálise se desdobra em sua ética, uma ética que se dá no próprio fazer do psicanalista (Lacan, 1992/1959-60) independente do espaço onde realiza a escuta (Gurski & Rosa, 2018)⁷.

(...) Certa vez, ao final de uma das Rodas, Tiago ia em direção à grossa porta de ferro da pequena sala em que estávamos para voltar ao seu dormitório, quando, de súbito, virou para um dos pesquisadores em tom chistoso e disparou: "é, Dona... Deus cria e 'nóis' mata (Gurski & Strzykalski, 2018a: 77).

Este recorte é inquietante, pois revela um certo descompasso entre o real excessivo das vidas dos jovens e os recursos simbólicos que possuem. Muitas vezes, os adolescentes diziam que caso seguissem na "vida do crime" teriam apenas dois desfechos possíveis, "a prisão ou a morte". Além disso, outro par muito presente era aquele que expressava "não dá pra parar e pensar... é matar ou morrer", referindo-se especialmente à lógica pautada pelo tráfico de drogas (Gurski & Strzykalski, 2018a).

Nesses trabalhos com adolescentes e jovens, quando acolhemos o que se problematiza no campo da Socioeducação, temos considerado que a escuta se coloca, como diz a psicanalista Catarina Koltai (2013-2014), na posição de levar a psicanálise lá para onde o desamparo, os modos diversos de gozo e de formações sintomáticas dos sujeitos se constituem, a cada época histórica e social. Foi sob este diapasão que Freud inicialmente debruçou-se sobre a escuta das histéricas da era vitoriana e, depois, sobre os neuróticos de guerra (Gurski & Rosa, 2018).

Para a construção desta perspectiva de pesquisa-intervenção, tomamos como inspiração o conceito de psicanálise implicada e a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016). Rosa (2016) nos lança a interessante noção de uma escuta que se dá em face da dimensão sociopolítica do sofrimento, lembrando-nos que psicanálise, sociedade e política são termos que relançam a articulação do sujeito com o

7 Fragmento do diário de experiência de uma das pesquisadoras que conduziram entre 2017 e 2019 as Rodas de RAP com adolescentes que cumpriam medida socioeducativa

de privação de liberdade na FASE-RS. Para detalhamento das Rodas de RAP ver Gurski e Strzykalski (2018a).

desejo, com o gozo e com o laço social como laço discursivo, sendo aquilo que, de fato, possibilita pensar em uma psicanálise implicada a partir de um paradigma de clínica-política (Gurski, 2019b).

No caso da socioeducação, a abertura de espaços de fala, no dia a dia dos meninos e dos trabalhadores, tem gerado breves respiros no ritmo frenético do cotidiano institucional, condição que nos parece ajudar na possibilidade de simbolização do sofrimento psíquico tanto dos jovens, como dos trabalhadores.

Nas Rodas de RAP com os jovens da instituição socioeducativa, percebemos que eles se interessavam muito por músicas que, frequentemente, versavam sobre uma juventude bastante próxima da guerra do tráfico de drogas, das abordagens policiais violentas e das desigualdades socioeconômicas e raciais. Era como se, a todo instante, as narrativas musicais se confundissem com as vivências que eles diziam experimentar dentro e fora da instituição socioeducativa (Strzykalski & Gurski, 2020).

Precisamos apostar que a escuta possa produzir movimentações que re-aloquem os sujeitos, ajudando-os a encontrar outros caminhos que não a posição de alienação no discurso do Outro social. Posição que os cola de modo consistente e insistente ao lugar de marginais e, portanto, detetos da sociedade, retirando-lhes assim qualquer esperança de futuro. A partir da apatia com relação às perspectivas de futuro que aparecem nas narrativas desses jovens, temos problematizado as condições de desigualdades sociais históricas que essa população vive, tanto do ponto de vista social como racial:

Uma temática bastante recorrente, inclusive nas letras das músicas solicitadas, foi a referente às abordagens policiais que, cronologicamente, costumam situar-se muito próximas do momento da Internação Provisória. Em uma ocasião, Breno contou-nos que, no dia em que “caiu” – gíria muito comum em-

pregada pelos meninos para referirem-se ao dia em que foram apreendidos pela polícia –, sofreu ameaças de morte e foi torturado pelos policiais antes de ser conduzido até a delegacia. Ele ainda pôde partilhar da angústia que sentiu ao ter que reencontrá-los durante uma audiência, momento em que não poderia falar nada, apenas ouvir uma versão que simplesmente operava um apagamento dos atos violentos sofridos por ele (Gurski & Strzykalski, 2018a).

Parece que Breno, a partir de seu relato, pôde transferir para o registro da palavra algo que foi muito doloroso para ele. Nesse diapasão, importa lembrar que a noção de experiência está intimamente relacionada com a possibilidade de exercer a arte de narrar (Benjamin, 1994/1936), mesmo que nas condições mais adversas. Para decantar em experiência, uma vivência precisa adquirir um novo estatuto, ser transmitida, contada, transformada, fazer laço com uma outra temporalidade mais distendida. Como pensar na possibilidade de constituir narrativas, amarrar os finos fios da experiência em uma trama discursiva se, justamente, parece que não se abrem espaços para tal em quase nenhum âmbito da vida desses meninos? (Gurski & Strzykalski, 2018a).

No caso da escuta-*flânerie* junto aos trabalhadores da socioeducação, cata-se o que foi tornado resto para (re) apresentar o mundo e também “ao” mundo.

O (des) encontro da socioeducação: flanando entre trabalhadores e adolescentes em torno da força bruta da política institucional

Iniciamos a interlocução com a socioeducação no final de 2014, através da construção de um espaço de escuta com adolescentes internos de uma instituição socioeducativa do RS: atividade que atualmente denominamos Rodas de R.A.P. Para a construção das Rodas de R.A.P. – aproveitamos o efeito equívoco que se forja com as iniciais do gênero musical rap

(*rhythm'n'poetry*) a fim de formar as Rodas de Ritmos, Adolescência e Poesia – um dispositivo de escuta, oferecido a jovens internados no sistema socioeducativo, cuja metodologia é a livre circulação da palavra em conjugação com narrativas musicais (Gurski & Strzykalski, 2018c). Levar a experiência da palavra a estes outros espaços diferentes do setting padrão é considerar, acima de tudo, a dimensão da alteridade e dos fundamentos da ética psicanalítica. Esse desdobramento da clínica resulta de uma aposta pelo caminho que nos leva a construir espaços de acolhimento para o sofrimento psíquico de adolescentes em situação de vulnerabilidade e daqueles que trabalham com eles (Gurski, 2018).

Como efeito da circulação da palavra na Instituição, passamos a escutar, nas narrativas dos meninos, muitas queixas e relatos de situações de crueldade e sadismo dos agentes socioeducativos na direção dos meninos. Assim, a partir do cotidiano das Rodas e das reflexões que fomos operando nos espaços de supervisão da pesquisa, foi possível escutar que se construía uma espécie de *demonização* dos trabalhadores da instituição. O interessante é que, além da fala dos jovens, tal *demonização* aparecia também nas narrativas das bolsistas-pesquisadoras, para quem os trabalhadores, por um tempo, representavam *o problema da socioeducação*.

Sabemos que a cena institucional convoca para um certo tipo de laço onde parece ter a demanda de se indicar o lugar do demônio, o vilão da cena. Rosa, Alencar e Martins demonstram que

essa modalidade de laço social está baseada na manipulação tanto do desamparo constitutivo, transformado em medo da alteridade, como da dicotomia presente nos primórdios da constituição do sujeito para produzir um laço em que o outro encarna o mal – numa falsa divisão, numa dicotomia que assim se processa: outro/ mau e eu/bom. O ganho na economia psíquica

dessa dicotomia será que ela evita a necessária divisão de cada sujeito (Rosa, Alencar & Martins, 2018: 22).

As autoras entendem que o ódio é uma problemática clínica e política, pois instala-se numa economia psíquica e num laço social que gera discursos e atos. Nesse sentido, nos cabe ampliar a perspectiva do caso: nem só adolescentes, nem só os trabalhadores, mas também a escuta da cena institucional, social e jurídica em que esses estão inseridos.

Inegavelmente, sabemos que há uma dose intensa de sadismo nessas relações e que o paradigma da socioeducação, mesmo passados 30 anos de seu estabelecimento como marco legal através da promulgação do ECA (Brasil, 2015/1990), ainda convive com práticas utilizadas nas antigas Fundações Estaduais do Bem-estar do Menor (FEBEMs). Essas ocupavam-se dos jovens em uma lógica de internato, além de se utilizarem de intervenções bastante higienistas e violentas sem qualquer respaldo pedagógico previsto por lei. Antes do ECA, que foi promulgado como um documento na época da redemocratização do país, a privação de liberdade era uma prática higienista e segregatória, a única resposta possível do Estado na direção dos jovens considerados infratores (Strzykalski *et al.*, 2022).

A partir do novo paradigma proposto pelo Estatuto, a medida de internação em estabelecimento educacional passou a ser apenas uma dentre outras, além do fato de ter que obedecer aos critérios de excepcionalidade e brevidade. Tal diretriz, no entanto, não é obedecida e muitos adolescentes têm, na privação de liberdade, a única estratégia de cuidado, bastante nociva pois ele segue ocupando a posição de perigoso para a sociedade.

Diante desse aparente desencontro entre o vanguardismo do ECA e a realidade da socioeducação, no avesso do laço discursivo que instituiu os bons e os maus na cena, passamos a nos perguntar: de que modo os trabalhadores

vivenciavam o sofrimento decorrente das condições de seu trabalho?

Constatamos que as desqualificações e mesmo as acusações se deslocaram dos próprios meninos para os funcionários mantendo a mesma lógica do discurso social – há de se encontrar uma causa para o mal-estar social, um inimigo a ser anulado, aprisionado. Trata-se da gestão social na lógica da guerra em que desaparece o embate político e a construção de propostas coletivas e civilizatórias (Rosa, Penha & Ferreira, 2018).

Nesses registros, o mal-estar não é tratado como um problema estrutural, mas contingente e a solução será calar seus emissários. Se, junto aos adolescentes, nos cabe pontuar a responsabilização do adolescente por sua condição de sujeito, nos cabe também pontuar, para a instituição, os pontos cegos que dificultam esse processo.

Aqui está uma das funções principais da pesquisa psicanalítica na socioeducação: “dar visibilidade aos métodos de controle social, centrados em escamotear tanto os conflitos econômicos e políticos assim como o mal-estar social” (Rosa, 2017). Tal ato pode demonstrar as estratégias discursivas que, ao silenciar os sujeitos, apagam seu discurso, transformando-os em indivíduos perigosos ou doentes. Frente a tal impasse, ao invés de nos paralisarmos por acontecimentos ou narrativas, tomando-os pela via da demonização, pela impotência ou ainda pelo horror, precisamos fazer uso da escuta e, especialmente, da escuta da dimensão sociopolítica do sofrimento.

Entendemos que a articulação de nossos trabalhos com as políticas públicas busca superar a dicotomia entre sujeito e sociedade. É nesse sentido que a inclusão da escuta do sujeito, que vive em contextos sociais excludentes - pautados por pobreza, racismos, humilhações - levou à construção da noção de dimensão sociopolítica presente no sofrimento (Rosa, 2016). Tal dimensão fica, em geral, obscurecida, individualizando os processos políticos

de enredamento do sujeito no discurso social, na maquinaria do poder, diz a autora. Faz-se necessário, portanto, retomar a relação entre linguagem e discurso, este último determinante do lugar que o sujeito vai ocupar no laço social.

Rosa (2016) segue demonstrando que a naturalização do desamparo social apaga a força discursiva dos que estão submetidos ao poder e promovem o *desamparo discursivo*. “Desejo e gozo são capturados e enredados na máquina do poder, de modo que o sujeito tem suspenso seu lugar discursivo. Essa é a estratégia do discurso social e político, carregado de interesses, para capturar o sujeito em suas malhas: trata-se de provocar um equívoco ao apresentar o discurso social como se fosse o discurso do Outro, como se fosse a dimensão simbólica que referência a pertença do sujeito” (Rosa, 2016: 30).

Ora, o apagamento da força discursiva incide sobre o sujeito. Os seus sofrimentos são administrados politicamente, discursivamente, com repercussões sobre o narcisismo, as identificações, o luto e afetos tais como o amor, o ódio, a ignorância e a culpa. Produz-se o silenciamento, muitas vezes advindo do abalo narcísico que lança o sujeito à angústia, ao vazio e ao furo constitutivo que o habita. Processa-se a perda do laço identificatório com o semelhante e a desarticulação de sua ficção fantasmática.

É nesse sentido que podemos falar em uma clínica psicanalítica implicada, advertida da incidência dos discursos políticos, que estabelecem relações de poder e de governança especialmente devastadoras sobre os excluídos (Rosa, 2013). A psicanálise tem muito a contribuir, construindo ou realçando táticas clínicas que remetem tanto à posição desejante do sujeito, como às modalidades de resistência a tais processos de alienação.

Esse é o caso dos dispositivos de escuta oferecidos aos atores da socioeducação, os jovens e os trabalhadores. Quanto aos jovens

internados no sistema socioeducativo, a escuta pela via das Rodas parece lhes restituir a livre circulação da palavra em conjugação com narrativas musicais. Através deste trabalho, opera a possibilidade de retirar, ao menos nesse contexto, dos seus ombros a posição de responsáveis pelas agruras sociais. Ora, toda vez que se criminalizam atos de adolescentes e jovens estamos, de algum modo, contribuindo para o avanço da perspectiva de culpabilização individual, reduzindo uma história repleta de variáveis complexas do ponto de vista das condições de vulnerabilidade social e violência que estes jovens viveram ao longo de suas infâncias.

Foi assim que, ao longo do percurso com as Rodas, sobretudo, nos momentos de supervisão, percebemos um interessante desdobramento transferencial. As bolsistas-pesquisadoras que acompanhavam o trabalho com os jovens passaram a trazer um discurso que situava os socioeducadores como o "*problema da socioeducação*". Com frequência, ao acompanhar o cotidiano institucional, as bolsistas presenciavam episódios em que os jovens eram bastante destratados e hostilizados por esses trabalhadores (Gurski, 2017).

O interessante é que tal demonização também se fazia presente no discurso dos meninos, em especial, através de queixas envolvendo cenas de crueldade. Sem deixar de reconhecer a existência da violência institucional do sistema socioeducativo, passamos a nos perguntar: seria essa posição hostil um modo de expressão do mal-estar desses trabalhadores que, assim como os jovens, vivem grande parte do seu dia *presos* em um ambiente bastante insalubre? Como eles lidam com o impossível que lhes é demandado: por um lado, educar e, por outro, vigiar? (Parré de Souza, 2017; Gurski, 2019a; Gurski, 2019b).

Assim, ao invés de tomarmos a fala sobre a crueldade dos profissionais como verdade tácita, relançamos a questão: *por que os agentes apareciam tão demonizados nos discursos dos gu-*

ris e mesmo na fala das bolsistas-pesquisadoras? Mais ainda, nos perguntamos sobre o que do sofrimento psíquico destes trabalhadores só estava podendo aparecer na forma de crueldades e hostilidades.

A escuta-flânerie entre encontros e tensões: pesquisa e intervenção

Com o tempo, ampliamos essas interrogações e passamos a nos perguntar também: como adensar a prática da Psicanálise frente aos desassossegos produzidos em meio a realidades marcadas por injustiças sociais, preconceito e silenciamentos históricos de parcelas da população? Apostamos na problematização do laço social sem perder a especificidade da ética psicanalítica.

Ao adentrarmos a Instituição e familiarizarmos-nos com as condições locais, nos perguntávamos: como fazer para transferencialmente produzir condições de fala livre em um lugar em que a palavra é tão aprisionada e apagada? A disposição em escutar as narrativas do sujeito, sem abandonar a noção de que, na escuta, não nos antecipamos à experiência, nos acompanhou como premissa fundamental.

Nesse sentido, escolher Benjamin e Baudelaire em articulação com a escuta psicanalítica a fim de traçar o caminho deste diálogo com o mal-estar na socioeducação, implica compreender a contemplação do *flâneur* e da *flânerie* como um dispositivo que empresta uma posição possível ao pesquisador-psicanalista na Instituição, ao mesmo tempo em que produz uma intervenção de caráter ético-político ao valorar a palavra e a experiência (Gurski, 2019b). Em outras palavras, o *flâneur*, ao catar as inúmeras possibilidades que podem advir dos restos e dos fragmentos, assim como o psicanalista, apresenta a potência de forjar experiência até mesmo naquilo que é, a princípio, tomado como sem valor. É justamente em proximidade com a escuta psicanalítica que entendemos a posição do *flâneur*: a atenção flutuante que caracteriza o trabalho

do psicanalista – assim como a *flânerie* – abre a possibilidade de se achar “uma série de coisas valiosas que não se pretendia encontrar” (McGuigan, 1976: 56). Isso no mesmo sentido em que Lacan toma a fala de Picasso: “eu não procuro, eu acho” (1985/1964).

Em acréscimo, percebemos que só é possível estar na posição do *flâneur* e daquele que se propõe a operar a partir da atenção fluante se estamos igualmente suspensos por um tempo mais livre, distendido (Gurski & Strzykalski, 2018b). Nossa aposta é que esse ritmo desacelerado, e não cronológico, possa ser pensado, justamente, como aquilo que caracteriza o que está no âmago de nossa metodologia de trabalho com a socioeducação. Ao nos colocarmos na posição de *flâneur* e oferecermos a possibilidade de uma fala livre e mais implicada com o tempo de cada um, dentro da instituição, provocamos a possibilidade de que surja uma narrativa mais próxima das questões do sujeito. Sustentar essa condição temporal comum ao psicanalista, ao catador de trapos e ao *flâneur* tem se colocado como um desafio crescente na pesquisa (Gurski & Rosa, 2018). É deste modo que a *flânerie*, em associação à escuta, colabora com a teorização acerca da metodologia usada, enriquecendo nossos meios de falar da experiência e da construção desse espaço na socioeducação (Gurski & Rosa, 2018; Gurski 2019b).

A escuta, em modo de *flânerie*, foi, aos poucos, propiciando novas palavras e outros espaços aos agentes socioeducativos (Pires, 2018; Pires & Gurski, 2020). O fato de uma escuta despretensiosa que acolhia toda e qualquer fala, do modo como vinha, foi nos mostrando o sentido da *flânerie* nessa circunstância específica. A *flânerie* do pesquisador parece que não só passou a marcar um ritmo à intervenção, como também emprestou uma materialidade necessária à escuta e, portanto, à presença da Psicanálise no local (Pires & Gurski, 2020). Em muitos momentos, a presença da pesquisadora-psicanalista provocava

perguntas sobre a continuidade do trabalho: *tu ainda está aí?, até quando tu ficas?, não vais embora?* – falas essas que vinham com um tom de curiosidade pelo trabalho, misturado a uma certa surpresa, efeito da desvalorização de seu próprio fazer; afinal, como alguém poderia seguir desejando estar ali naquele lugar (Pires, 2018; Pires & Gurski, 2020)?

No período em que aprofundamos as investigações da temática das conflitivas cotidianas nos laços, dentro da instituição, constatamos que as atividades desenvolvidas pelos agentes produziam níveis altos de adoecimento físico e psíquico. Em um estudo transversal realizado em 2011, com 381 agentes do estado do Rio Grande do Sul, sul do Brasil, os autores (Greco, Magnago, Beck, Urbanetto & Prochnow, 2013) ao avaliarem o estresse no trabalho, constataram que as características do fazer do agente socioeducador centram-se no ritmo acelerado, em uma grande pressão pelo tempo, assim como na imprevisibilidade e na busca constante pelo papel de educador. O artigo também explora a multiplicidade de atividades realizadas pelos agentes, especialmente no que se refere ao acúmulo de duas funções difíceis que são garantir a segurança do local e dos meninos e, ao mesmo tempo, socioeducar. Essas condições ficam bem evidentes nas estatísticas de pedidos de afastamento por motivos de saúde ou pessoais, assim como nas ausências psíquicas observadas mesmo com aqueles que estão presentes no dia a dia (Perrone & Gurski, 2020b).

Alguns agentes duvidavam da sequência do trabalho, duvidavam explicitamente da possibilidade de sustentarmos a escuta e a pesquisa naquele local, pois diziam viver *em uma ditadura*, em que as palavras não podiam circular e, muito menos, ser divulgadas. De todo modo, à contrapelo das certezas imaginárias, através da escuta-*flânerie*, as vivências foram sendo gradativamente compartilhadas (Gurski, 2019b).

O interessante é que, ao final destas primeiras intervenções, os trabalhadores demandaram, como costumavam dizer, a sequência *disso que vinha sendo feito ali pela Universidade*. A Universidade acena para além do esvaziamento da dimensão da experiência, para além da peça muda da engrenagem, mas para a sua transmissão dos saberes, para o valor da sua própria experiência e saber.

Diários de experiência: a construção de um modo de registro na pesquisa psicanalítica

As pesquisadoras registravam suas vivências nos diários de experiência que eram levados à supervisão, para outra cena – temporalidades que fundam uma hiância e abrem uma brecha, uma saída. Fomos construindo a ideia de que a *flânerie* vem como um recurso que oferta uma posição de escuta ao pesquisador na instituição. Através da fala, os sentidos podem deslizar, sendo possível criar outros destinos para o real, o pulsional e o político. Ao narrar os acontecimentos e vivências de sua história, o sujeito amplia as condições de construção de novas significações. É justamente nessa movimentação narrativa que as vivências podem ganhar a possibilidade de decantarem em experiências.

É pela importância da transferência do pesquisador com a pesquisa que o *diário de experiência* se configura como um dispositivo de registro da pesquisa em Psicanálise (Gurski, 2017). Os diários consistem em um compêndio escrito pelo pesquisador-psicanalista acerca de suas vivências, experiências e reflexões em suas atividades da pesquisa. É um modo de auxiliar o pesquisador a transitar pela aridez de algumas situações vividas na instituição durante a escuta-flânerie dos sujeitos.

Com os diários, construímos uma possibilidade das premissas da psicanálise não nos abandonarem nem mesmo na hora dos registros. A disposição do pesquisador-psicanalista em seguir os pressupostos da imprevisibili-

dade, como na clínica, e as recomendações freudianas de conduzir o tratamento (e a pesquisa) sem qualquer intuito em vista, deixando-se sempre assaltar pelos efeitos de surpresa na experiência da transferência (Freud 2010a/1912), foram mantidas na proposta dos diários de experiência.

Para a construção desse dispositivo de registro da investigação, inspiramo-nos em três fontes: nas anotações e comentários breves de Walter Benjamin feitos em seus conhecidos cadernos de notas, guiados por “seu olhar fragmentário, não por renunciar à totalidade, mas por procurá-la nos detalhes quase invisíveis” (Sarlo, 2013: 35); nos diários de campo, dispositivo advindo dos estudos antropológicos e da etnografia; e, por fim, nas notas breves que Freud (2004/1929-1939) dedicou-se a escrever em seus últimos anos de vida, sendo possível encontrar nelas o esboço de grandes conceitos da teoria psicanalítica ao lado de histórias e notícias aleatórias (Zachello, *et al.*, 2015).

Nesse sentido, o diário de experiência já é, ele próprio, um espaço de transição entre a vivência e o compartilhamento da pesquisa: é um modo de auxiliar o pesquisador a transitar pela aridez de algumas situações vividas na instituição durante a escuta-flânerie dos sujeitos. Também, é um dispositivo que possibilita que as vivências do pesquisador possam se transformar em experiência na medida em que narra, no modo de associação livre, aquilo que viveu.

O cuidado com os cuidadores pela via da escuta-flânerie

A escuta-flânerie no campo da instituição nos conduziu a um novo tempo da pesquisa – a partir da escuta, e não de um protocolo, surgiu o tempo de os pesquisadores pensarem em uma dimensão que pudesse dar conta da nuance do *cuidado com os cuidadores* (Gurski, 2016; Pereira, 2016). Entendemos que a melhor estratégia é sempre apostar na cons-

trução de parcerias – não com os adolescentes e tampouco com os profissionais que os acompanham diariamente, mas, sim, com a escuta do sujeito que emerge nessas situações. Em novo ato, observamos que não bastava escutar somente os meninos, que precisávamos também abrir um espaço aos trabalhadores da socioeducação.

A escuta-*flânerie* ressoou para os pesquisadores e transformou nossa prática. Enquanto pesquisadores em psicanálise nos importa a circulação da palavra no laço social com o adolescente e também com os profissionais. Afinal, o laço social é, antes de tudo, um laço discursivo, o que nos faz apostar na dupla escutar/falar como um modo potente de trabalhar com os trabalhadores, dando espaço para que compartilhem o que vivenciavam como sofrimento decorrente das condições de seu trabalho.

As discussões sobre as experiências no campo são fundamentais para produzirmos os enigmas a serem desdobrados nas intervenções (Rosa, 2016). Entendemos que os casos clínicos e/ou institucionais são constituídos por diversas variáveis que se entrelaçam nos contextos de urgência social. A produção dos enigmas nas discussões dos casos clínicos e/ou institucionais se relacionam com o que Emília Broide (2017) nomeia como o impossível da verdade sobre o relato do caso. Por conta disso, cada caso e a forma como cada um é construído pode consolidar diversos enigmas, caso seja dado o “relevante à trajetória da narrativa da escuta realizada”, enfatizando “seus pontos de impasse, o que foi ficando pelo caminho, seus atalhos e suas procrastinações” (Broide, 2017: 77).

A constituição do enigma do caso e de sua narrativa tem o poder de incidir sobre esses campos e de afetar a distribuição de lugares neles estabelecidos. Para essa construção, as diversas figuras que circundam cada caso (abrigados, familiares, assistentes sociais, profissionais de saúde, advogados e o próprio ana-

lista), assim como as práticas clínico-políticas, na rede de saúde e com os funcionários dos serviços, fazem-se presentes. Na rede transfereencial, produz-se com o singular ao mesmo tempo em que se elucidam os discursos institucionais e sociais que possibilitam ou impossibilitam posicionamentos no laço. Dessa forma, no próprio processo de lidar com a rede transfereencial se constroem práticas de resistência ao sofrimento produzido nas e pelas práticas sociais.

De todo modo, precisamos lembrar que a ideia inicial da escuta-*flânerie* foi a configuração de uma escuta sem um espaço físico delimitado, uma espécie de um pronto-atendimento com possibilidade de dar ao pesquisador-psicanalista a chance de vivenciar, junto com os trabalhadores, as dificuldades de seu fazer cotidiano, no calor dos conflitos e acontecimentos (Gurski & Rosa, 2018). Em um primeiro momento, passamos a circular pela instituição disponibilizando-nos a escutar e conhecer o dia a dia dos trabalhadores da socioeducação. Do lado das pesquisadoras do grupo, havia como prerrogativa a inspiração na atenção flutuante, elas se mostravam disponíveis para escutar as falas dos agentes sem qualquer antecipação e, do lado dos agentes, incentivávamos a livre associação, ambos pressupostos da escuta-*flânerie* (Pires & Gurski, 2020).

A instituição é um emaranhado de tensões, sustentada por discursos sociais e jurídicos que regulam as relações. A nós cabe justamente decifrar essa rede discursiva e pontuar, para a instituição, os pontos cegos que dificultam a responsabilização do adolescente por sua condição de sujeito e do trabalhador por sua intervenção. Entendemos que é justamente por essa via que conseguiremos construir propostas de transformação ao que se repete como fragilidade nas políticas de assistência (Gurski *et al.*, 2021).

A gente finge que socioeduca e a sociedade finge que acredita. Falas como essa passaram

a *flanar* por entre os muros e paredes da instituição, mediante a presença da *flânerie* das pesquisadoras. A fala desta socioeducadora evoca o sofrimento laboral e ilumina a nomeação que tais trabalhadores recebem – são chamados de agentes socioeducativos, uma nomeação que fica entre o agente penitenciário e o socioeducador e que tem ressonância em sua prática. Nomeação que tem efeitos no dia a dia dos agentes, quando se demanda deles, por um lado educar e, por outro, vigiar (Souza, 2017).

Mais além do que se deparar com o impossível da educação, nos impasses diante dos adolescentes, o trabalhador vê-se trágico por um engodo político. A sociedade sustenta um discurso em que ele e o adolescente fazem parte da mesma cena bufa - o fingimento, pois não há empenho, comprometimento e interesse político no acolhimento e educação para aqueles jovens periféricos, negros e pobres, muito próximos aos próprios trabalhadores. Essa posição obscena adoece e cala o sujeito, preso como uma mera peça de uma engrenagem, muitas vezes, preconceituosa, racista e classista.

Trata-se aqui de recusar a participação no discurso cínico - a posição cínica em relação ao saber está na clássica afirmação: *eu sei, mas mesmo assim*. Esse *eu* que diz *sei* usa o fascínio desse lugar para encobrir o real e acalentar a ilusão de que nada falta, promovendo o desmentido. Em contextos de crises nas instituições, procura-se o *objeto* que possa servir perfeitamente para ser ofertado em sacrifício. A cumplicidade na suspensão da mediação do pacto simbólico retorna pela porta dos fundos, como um espectro sem luto, como no caso dos trabalhadores, um adoecer da sua condição de sujeito encenando a crueldade atribuída ao outro (Rosa & Carmo-Huerta, 2020).

Na contramão do desmentido, a psicanálise trabalha com a posição do sujeito na fala. A presença *flânerie* operava, aos poucos, ecoando essas falas, que antes talvez se perderiam como ditos quaisquer, e foram ganhando densidade

no dia a dia. Com o que os trabalhadores relatavam se sentir mais *aliviados* ao poderem *falar ali dentro*. Na medida em que as falas são endereçadas a um outro que os escuta, também *escutamos* o efeito das palavras ditas retornarem com novos sentidos aos trabalhadores em seu fazer diário.

Comentários finais

Temos compreendido que o dispositivo da escuta-*flânerie* inaugura uma nova possibilidade de escuta da dimensão sociopolítica do sofrimento dentro da instituição, no caso, a instituição socioeducativa. Trata-se de pensar na escuta como uma possibilidade de criação de condições para a circulação da palavra e da transmissão das experiências vividas e, muitas vezes, silenciadas na instituição.

Na escuta-*flânerie*, o corpo do pesquisador integra radicalmente a experiência de pesquisa. Desde Lacan, sabemos que já não é mais possível aos psicanalistas se excluírem da experiência que conduzem. Nesse sentido, situar a transferência como um operador conceitual importante de nossa investigação/intervenção, nos leva a estabelecer que aquele que conduz o trabalho de pesquisa é parte integrante da experiência, convertendo-se, ele mesmo, em sujeito/objeto de investigação (Riques, 2006).

No trabalho de escuta na transferência questionamos nossas posições; quando demonizamos ou vitimizamos os agentes socioeducativos, ou mesmo os meninos, estamos ainda situados em uma posição de pouca escuta, surdos por imagens que nos interpelam acerca das condições de vida e de trabalho desses sujeitos, anteriores à experiência de escutá-los. Importa lembrar que escutar o sofrimento desses sujeitos é diferente de submergir nos afetos que este contexto pode produzir. É claro que sabemos que o horror da socioeducação, tantas vezes narrado pelos próprios meninos e agentes, assusta e impele qualquer um, analista, ou não, à vontade de reparação e/ou salvação destas pessoas (Strzykalski & Gurski, 2020).

Lacan, no texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*, conhecido como o discurso de Roma, faz um alerta que nos parece fundamental ao que nos orienta do ponto de vista da ética psicanalítica. Ele sugere que os psicanalistas prestem atenção à dimensão da experiência de escuta a fim de não cair na armadilha de transformar o discurso da Psicanálise em uma simples ecolalia:

Decerto, as formas iniciáticas e poderosamente organizadas em que Freud viu a garantia da transmissão de sua doutrina justificam-se na posição de uma disciplina que só pode sobreviver ao se manter no nível de uma experiência integral. Mas, não terão elas levado a um formalismo enganador que, desencoraja a iniciativa ao penalizar o risco, e que faz do reino da opinião dos doutos o princípio de uma prudência dócil onde a autenticidade da pesquisa se embota antes de se esgotar? (Lacan, 1953/1998: 239-240, *grifo nosso*).

Ora, não é demais lembrar que, se Lacan (1953/1998: 322) inicia o prefácio do escrito de Roma com esse alerta acerca da importância da posição de escuta do pesquisador psicanalista, ele finaliza de maneira contundente, ao dizer que os psicanalistas que “[...] não conseguem alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época [...]”, devem renunciar à prática da escuta.

Precisamos prestar atenção em como os atos juvenis vêm sendo tomados pela sociedade. Vemos uma demonização e criminalização crescentes dos atos juvenis, questão que, no Brasil, há alguns anos atrás, foi bastante insuflada pelos debates acerca da redução da maioridade penal. Entendemos que nosso compromisso atual seria escutar o modo como o mal-estar na cultura tem se atualizado nas questões dirigidas aos jovens e a quem com eles trabalha na esfera do que se entende como ato infracional.

Este trabalho foi especialmente dirigido aos trabalhadores da socioeducação porque

muitas são as adversidades do ponto de vista transferencial que se atravessam neste ofício. A exposição do pesquisador-psicanalista em meio ao cotidiano institucional, muitas vezes, o confronta com situações bastante difíceis. A dureza e a aridez da instituição, sejam pelas mazelas reais do cotidiano empobrecido desses sujeitos, abandonados pelo estado e pela família, seja pelos efeitos dessubjetivadores que suas posições no laço social produzem, não raro levam a uma mirada excessiva na direção ao horror destas vidas e seu correlato: a sensação de impotência de quem trabalha com eles.

Em meio a essas condições, fica difícil ao pesquisador-psicanalista evitar que as questões transferenciais o tomem pela via imaginária de um modo talvez mais avassalador do que no consultório. Ocorrem perdidos de uma identificação maciça pela via do “*tu só vais saber o que eu passo, se também estiver aqui vindo e vivendo nestas condições*”, ou ainda, “*ninguém quer saber do que se faz aqui, a gente finge que socioeduca e a sociedade finge que acredita*” são exemplos desses impasses. Houve também o dia em que uma pesquisadora-psicanalista foi invadida por uma solicitação em ato: estava em uma das salas da instituição quando, de repente, entrou uma agente socioeducativa com um menino para fazer exame de corpo de delito em função de uma briga (Pires & Gurski, 2020).

Sem nenhum constrangimento ou reconhecimento da diferença de lugares, a agente pede que o menino tire a roupa na frente da pesquisadora, em um convite para que pudessem “*ver a mesma coisa*”. Ora, a possibilidade de que se produzam efeitos de sujeito nessa escuta também se apresenta pela alteridade que separa esses lugares. A possibilidade de que, pela via da escuta, se devolva a polissemia necessária aos acontecimentos, também se produz pela manutenção da alteridade e do que, em geral, na clínica *strictu sensu*, denomina-se abstinência do analista; porém, como

manter tal condição nas circunstâncias acima narradas?

A escuta-flânerie como efeito de "quando a psicanálise encontra a socioeducação" não é a proposta de um casamento com final feliz. Não, muito antes pelo contrário. É somente pela problematização desse e de outros impasses que se estabelecem nesse trabalho que poderemos buscar novos caminhos de escuta e outros sentidos para as falas. Afinal, não podemos esquecer que por mais que se reconheça a precariedade das condições do ponto de vista material e psíquico, o acolhimento que mais importa é sempre o da escuta daquilo que escapa ao sujeito, ou seja, o que se refere à dimensão do gozo.

Nessa discussão, uma questão que cabe ser melhor desdobrada, refere-se à pergunta sobre aquilo que somente a Psicanálise poderia levar para esses contextos. Nos perguntamos se acaso a identificação maciça com a dimensão do horror na socioeducação não estaria do lado do que Lacan denomina de resistência do analista, quando o psicanalista resiste na resistência do sujeito, sem conseguir escutar a dimensão do gozo, ficando preso à novela imaginária. Como disse Freud (2010b/1919), em *Caminhos da Terapia Psicanalítica*, na direção dos trabalhos psicanalíticos, é apropriado recusar qualquer modo de satisfação da demanda do paciente.

Além desses, temos uma série de outros impasses que precisam ser nomeados e formulados acerca dessa prática. Por ora, nossa contribuição é alcançar condições de fala aos trabalhadores na Instituição socioeducativa. Fomos para o campo da socioeducação, com a ética psicanalítica e, carregando uma certa inspiração na *flânerie*, acabamos por colher um modo próprio de escutar aquilo que se problematiza na instituição socioeducativa. Sabemos que neste trabalho de pesquisa-intervenção não se trata de extirpar o mal-estar na socioeducação, porém, como pesquisadores em Psicanálise, nos vemos frente a uma tarefa

ética e sócio-histórica. Pela responsabilidade com o que veio antes e com o que virá depois, escolhemos escutar as formas de mal-estar de nosso tempo, sem abandonar os fundamentos, mas também sem silenciar a experiência enquanto testemunha maior das vivências desses sujeitos.

Por fim, mas, não menos importante, queremos sublinhar que o gesto ético-político de suspender as certezas do progresso, valorizando a nuance e o detalhe fez com que a *flânerie* de Baudelaire fosse tomada como um desvio, um modo de resistência poética em relação às novas formas de viver trazidas pelas condições da Modernidade. Assim como Baudelaire aproveitou o perambular a esmo do *flâneur* pela cidade, enquanto um modo poético de resistir à aceleração mórbida do capitalismo e ao ideal de progresso da época, nós elegemos o perambular pela instituição socioeducativa como uma forma de provocar o rompimento das identidades cronificadas, evocando o fluxo irrestrito da imaginação através de um novo modo de apresentação da escuta psicanalítica na instituição socioeducativa.

Chegamos no campo da socioeducação com a ética psicanalítica e a inspiração na *flânerie* e acabamos por construir um modo próprio de escutar os sujeitos que sofrem através de seus sintomas em meio aos corredores da Instituição. Além de nos encontrarmos com um modo de viabilizar a escuta na instituição socioeducativa, é possível pensar em uma série de contribuições à construção de uma política socioeducativa que de fato produza condições de socioeducar. Essa seria a mirada ético-política de uma escuta que se sustenta na dimensão de que a clínica e a política nunca estão dissociadas (Gurski & Debieux, 2023).

Referências bibliográficas

- Benjamin, W. (1994). *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In W. Benjamin, *Walter Benjamin, obras escolhidas: magia e técnica, arte e política* S. P. Rouanet (pp. 197-

- 221). Brasiliense: Obra original publicada em 1936.
- Betts, J. (2013-2014). Desamparo e vulnerabilidade no laço social - a função do psicanalista. *Revista da APPOA*. (45-46): 9-19. Disponível em: https://apboa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf
- Brasil. (2015). *Estatuto da criança e do adolescente*. Câmara dos Deputados.
- Broide, E. (2017). *A supervisão como interrogante da praxis analítica: do desejo de analista à transmissão da psicanálise*. PhD dissertation. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 10(1): 105-123.
- Freud, S. (2004). *Diário de Sigmund Freud: 1929-1939. Crônicas breves*. São Paulo: Artmed.
- Freud, S. (2010a). *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010b). *Caminhos da terapia psicanalítica*. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gurski, R. (2008). *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual*. PhD dissertation. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gurski, R. (2012a). *Três ensaios sobre juventude e violência*. São Paulo: Escuta.
- Gurski, R. (2012b). O lugar simbólico da criança no Brasil: uma infância roubada? *Educação em revista*. 28: 61-78.
- Gurski, R. (2016). *Prefácio*. In M. R. Pereira (Ed.). *O nome atual do mal-estar docente* (pp. 9-16). São Paulo: Fino Traço.
- Gurski, R. (2017). Jovens 'infratores', o rap e o poeta: deslizamentos da vida nua à vida 'loka'. *Revista Subjetividades*. 17(3): 45-56.
- Gurski, R. (2019a). *A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação*. In M. R. Pereira & R. Gurski (Eds.). *Quando a psicanálise escuta a socioeducação* (pp. 27-43). São Paulo: Fino Traço.
- Gurski, R. (2019b). A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e socioeducação. *Revista Tempo Psicanalítico*. 51(2): 166-194.
- Gurski, R. & Rosa, M. D. (2018). Psicanálise, socioeducação e a construção da escuta-flânerie. *Correio da APPOA: psicanálise e políticas públicas*. 282: 12-26.
- Gurski, R. & Strzykalski, S. (2018a). A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei - que ética pode sustentar esta intervenção? *Revista Tempo Psicanalítico*. 50 (1): 72-98.
- Gurski, R. & Strzykalski, S. (2018b). A pesquisa em psicanálise e o 'catador de restos': enlaces metodológicos. *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. 21(3): 406-415.
- Gurski, R. & Strzykalski, S. (2018c). *A 'Invenção' na pesquisa em psicanálise com adolescentes em contextos de violência e vulnerabilidade: narrando uma trajetória de pesquisa*. In K. Tarouquella, S. Conte & D. Drieu (Orgs.). *Proteção à infância e à adolescência: intervenções clínicas, educativas e socioculturais* (pp.127-139). Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade.
- Gurski, R., Strzykalski, S. & Rosa, M. D. (2021). A ética como método no encontro entre psicanálise e socioeducação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 73(3): 227-241.
- Gurski, R., Rosa, M. D. Gurski, R. & Debieux Rosa, M. (2023). Political Origins of Freudianism and the Neutrality of Psychoanalysis in Brazil as a Symptom. *Revista De Humanidades De Valparaíso*. (23): 179-191.
- Koltai, C. (2013-2014). O desejo do psicanalista faz ao desamparo contemporâneo. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. 45-46: 20-31.

- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). São Paulo: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). *Televisão*. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 508-543). São Paulo: Jorge Zahar.
- McGuigan, F. J. (1976). *Psicologia experimental: uma abordagem metodológica*. São Paulo: EPU.
- Parré de Souza, L. (2017). Sobre o vínculo educativo e a ação de segurança por parte dos agentes de segurança socioeducativos. Doctoral dissertation. *Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social*. Minas Gerais: UFMG.
- Pereira, M. R. (2016). *O nome atual do mal-estar docente*. São Paulo: Fino Traço.
- Perrone, C. & Gurski, R. (2020a). *Do ensaio-flânerie à escuta-flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em psicanálise e (socio)educação*. In R. Voltolini & R. Gurki (Eds.). *Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação*. São Paulo: Contracorrente.
- Perrone, C. & Gurski, R. (2020b). *Clínica do trabalho-flânerie*. In R. Coelho & D. A. Motta (Orgs.). *Psicanálise e Trabalho. Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região*. (pp. 73- 86). Porto Alegre.
- Pires, L. (2018). *Pesquisa psicanalítica na socioeducação: a escuta-flânerie com agentes socioeducadores*. Dissertação de mestrado. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Pires, L. & Gurski, R. (2020). A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. *Psicologia USP*. 31: 1-10.
- Rickes, S. (2006). *Possibilidades, impossibilidades e impasses de um trabalho gerúndio*. Projeto de pesquisa. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Rosa, M. D. (2016). *Clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Editora Escuta.
- Rosa, M. D. (2017). A psicanálise lacaniana e a dimensão sociopolítica do sofrimento. *Revista Cult*. 8: 22-24.
- Rosa, M. D., Penha, D. & Ferreira, P. (2018). Intolerância: Fronteiras e Psicanálise. *Subjetividades*. 15: 105-113.
- Rosa, M. D., Alencar, S. & Martins, R. (2018). *Licença para odiar: uma questão para a psicanálise e a política*. In M. D. Rosa, A. M. M. Costa e S. Puente (Orgs.). *As escritas do ódio: psicanálise e política* (pp.15-31). São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Rosa, M. D. & Carmo-Huerta, V. (2020). O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. *Estilos Da Clínica*. 25 (1): 5-20.
- Sarlo, B. (2013). *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ.
- Souza, L. P. (2017). Sobre o vínculo educativo e a ação de segurança por parte dos agentes de segurança socioeducativos. MA thesis. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Strzykalski, S. & Gurski, R. (2020). Adolescência e lampejos: a construção de políticas de "sobrevivência". *Estilos da Clínica*. 25(1): 21-34.
- Strzykalski, S., Von Porster, F., Oliveira, D. Gurski, R. & Perrone, C. (2022). Contribuições psicanalíticas ao tema da responsabilização de adolescentes nas políticas socioeducativas. *Revista Polis E Psique*. 12(2):108-129.
- Waiselfisz, J. J. (2014). *Mapa da violência. Os jovens do Brasil*. Brasília: FLACSO Brasil.
- Zachello, C., Paul, F. M. & Gurski, R. (2015). Adolescência e Síndrome de Down na tela. *Estilos da Clínica*. 20 (3): 459-474.